

Primeiro Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, Recife, novembro de 2002

Samuel Araújo (UFRJ)
e-mail: samuca@openlink.com.br

Ao final de um ano de muitas expectativas quanto a possíveis novos rumos para a política cultural no país, teve lugar em Recife, entre 19 e 22 de novembro de 2002, o Primeiro Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET). Criada em assembléia realizada no Rio de Janeiro durante o trigésimo sexto congresso mundial do International Council for Traditional Music (ICTM), em julho de 2001, a ABET procura integrar os interessados na pesquisa sistemática e multidisciplinar da música em geral, tendo a música no Brasil como um dos seus eixos prioritários. O primeiro encontro nacional foi organizado conjuntamente pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural da UFPE e pelo Departamento de Música da mesma universidade, através de seu Núcleo de Etnomusicologia, com apoio institucional da CAPES e da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe).

A comissão organizadora teve como presidente Carlos Sandroni (UFPE), como tesoureira Alice Lumi Satomi (UFPB) e como demais membros Maria do Carmo Tinôco Brandão (UFPE), Paulo Cristóvão de Lima (UFPE), Renato Athias (UFPE) e Cristiane Maria Galdino de Almeida (UFPE). Seu comitê científico foi constituído por Samuel Araújo (UFRJ), Elizabeth Travassos (Uni-Rio) e Martha Ulhôa (Uni-Rio). A parte operacional do evento ficou sob a responsabilidade de eficiente e simpática equipe de alunos da UFPE e estagiárias do Núcleo de Etnomusicologia da instituição.

“Cem anos do disco no Brasil: músicos, públicos, pesquisadores e registros fonográficos” foi o tema geral do evento, a propósito da passagem, em 2002, do centenário de implantação da indústria fonográfica no Brasil. Cerca de duzentas pessoas compareceram, em sua grande maioria apresentando comunicações nas diversas sessões de trabalho. Os participantes representavam diferentes áreas de conhecimento, afiliações institucionais e regiões brasileiras, notando-se também a presença de um bom número de participantes estrangeiros.

Abriu-se a programação no dia 19 de novembro à noite, com a presença à mesa de representantes da UFPE e de entidades congêneres como a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (Anppom), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e a Comissão Brasileira de Folclore. Logo após a abertura oficial, Bruno Nettl (Universidade de Illinois) proferiu a conferência inaugural, tendo como tema o estudo da mudança musical. Abordando comparativamente quatro culturas musicais distintas (sul-indiana, iraniana, nativa norte-americana e acadêmica dos Estados Unidos) estudadas por ele ao longo de sua trajetória de pesquisa, o Dr Nettl procurou apontar semelhanças e contrastes no modo respectivo de cada uma se relacionar à idéia de mudança. Os uso de exemplos sonoros ilustrativos enriqueceu sobremaneira a palestra, ao fim da qual foi oferecida uma recepção aos participantes pela organização local.

A primeira mesa-redonda, no dia 20 pela manhã, foi dedicada ao tema geral do encontro, tendo como mediador o Dr Araújo. A exposição inicial, realizada por José Ramos Tinhorão (Instituto

Moreira Sailes), enfatizou o percurso dos registros da música popular, desde a anotação e eventual publicação de textos de canções na Europa medieval até a emergência da impressão musical, ápice da fase que antecede a invenção do fonógrafo. Em seguida, o pesquisador de música popular brasileira e discófilo Humberto M. Franceschi discorreu sobre as características e evolução do registro fonográfico de música popular dos primórdios do século XX, destacando, por meio de exemplificação em áudio, as possibilidades de refinamento do processo de restauração abertas recentemente pela revolução digital. Concluindo a sessão, Hermano Vianna refletiu sobre a emergência de fusões estilísticas no Brasil, tornada possível pela difusão massiva de informações musicais geradas em pontos distantes do globo através, em grande medida, da circulação da produção fonográfica. Fazendo uso de exemplificação em áudio, o Dr Vianna destacou o potencial dos estilos assim surgidos para abrir amplos e nem sempre amistosos debates sobre temas como a autenticidade e a identidade social.

Após intervalo musical e almoço, a tarde do mesmo dia — como, de resto, as tardes dos outros dois dias de encontro — foi dedicada a sessões temáticas: “regional, nacional, global e as novas cenas musicais urbanas”, coordenado pela Professora Lumi; “tradições afro-brasileiras”, por Ângela Luening (UFBA); “música indígena nas terras baixas da América do Sul”, por Deise Montardo (UFSC) e Maria Ignês Mello (UFSC); “continuidade e mudança da música do Norte/Nordeste, 1938–2002”, pelo Dr Sandroni; “músicas tradicionais e patrimônio imaterial”, por Letícia Viana (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular da Funarte) e a Dra Travassos; “escolas de música, ideologias da arte e etnomusicologia”, por Rosângela Tugny (UFMG) e José Alberto Salgado e Silva (Uni-Rio); “gêneros musicais”, por Rose Marie Reis (UFRGS); “o tradicional no mundo dos *hits*, a *world music* no mundo dos clássicos: esquizofonias do terceiro milênio”, por Heloísa Valente (Uni-Santos); “história da música popular brasileira”, pela Dra Ulhôa; “etnografia das músicas do Norte/Nordeste”, por Romério Zeferino (Museu Luiz Gonzaga, Campina Grande); e “o samba como ícone nacional”, pelo Dr Araújo.

Conduzida pela diretoria provisória da entidade, a Assembléia Geral da ABET foi realizada no dia 20, à noite, tendo sido rediscutido e votado seu estatuto para registro definitivo em cartório. Redefiniu-se, na ocasião, a estrutura de diretoria, criando-se os novos cargos de vice-presidente e segundo secretário. Foi proposta e aprovada, assim, a formação de chapa única para a eleição da primeira diretoria da ABET, sufragada pela unanimidade dos presentes para um mandato de dois anos, tendo o Dr Sandroni como Presidente, o Dr Araújo como Vice, a Dra Travassos como Primeira Secretária, Edilberto Fonseca (Uni-Rio) como Segundo Secretário, Eurides de Souza Santos (UFPB) como Primeira Tesoureira, a Professora Lumi como Segunda Tesoureira, a Dra Tugny como Editora e Mariana Carneiro da Cunha como Vice-Editora.

A mesa-redonda do dia 21 de novembro, “arquivos sonoros: objeto de pesquisa e patrimônio cultural”, teve as participações de Anthony Seeger (UCLA), Flávia Camargo Toni (IEB-USP) e Kilza Setti, tendo como mediadora a Dra Travassos. Ex-curador da série fonográfica da Smithsonian Institution e atual secretário-geral do ICTM, o Dr Seeger descortinou uma série de questões pertinentes à grande variedade de objetivos, formatos e problemas, tanto técnicos quanto ético-legais, relativos aos acervos no mundo contemporâneo. A Dra Toni, por sua vez, levantou questões sobre a gestão de acervos no Brasil e a política de patrimônio recém-estabelecida no país, com base em sua experiência como curadora do Acervo Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, detendo-se em particular sobre a importância das

referências fonográficas para o trabalho do eminente musicólogo paulista e para a reapreciação contemporânea do mesmo. Encerrando as exposições, a Dra Setti discorreu sobre seu trabalho com a memória musical de sociedades indígenas no país como forma de refletir sobre a fragilidade e instabilidade das políticas públicas que poderiam contemplar iniciativas desse tipo.

No último dia do encontro, 22 de novembro, a mesa-redonda matinal teve como tema “o campo de estudos da ABET: objeto, métodos, institucionalização e relações com outros campos”, tendo como mediador o Dr Sandroni. Manuel Veiga (UFBA), grande impulsionador da etnomusicologia no país e da própria ABET, abriu a sessão destacando alguns marcos teórico-conceituais da disciplina e sua importância para os rumos daquele campo de estudos em nossas instituições de ensino e pesquisa. Kazadi wa Mukuna (Universidade de Kent, EUA) ressaltou as diversas possibilidades de definição do campo de estudos, e sua conseqüente interdisciplinaridade, como seu grande trunfo enquanto caminho de produção de conhecimento. Por fim, Gerard Béhague (Universidade do Texas em Austin) empreendeu um balanço da produção brasileira recente na área em questão, constatando um incremento considerável de publicações relevantes, simultâneo ao que percebe como um predomínio preocupante de citações de literatura estrangeira, nem sempre compatível com os dados empíricos dos trabalhos em que se encontram inseridas.

À noite do dia 22, em assembléia de encerramento, realizou-se uma avaliação geral do encontro, destacando-se a eficiente organização, a alta qualidade de um número relevante dos trabalhos apresentados e dos debates travados nas diferentes sessões, e o potencial de afirmação da entidade como veículo de abertura da área de música ao diálogo com outras áreas de conhecimento e como interlocutor na definição de políticas públicas pertinentes. Ressaltou-se ainda, entre os pontos altos do evento, a variedade e excelência da programação musical, apresentando, nos intervalos de sessões acadêmicas e nos horários livres noturnos, uma amostra significativa da cultura musical local, unindo ao aguardado repertório de frevo, cavalo-marinho, afoxé, maracatu, cabocolinhos e coco, inesperadas sonoridades de origem japonesa recriadas no Brasil pela Professora Lumi e seu grupo. Antes do encerramento oficial, a delegação da Bahia propôs Salvador como sede do II Encontro Nacional, a realizar-se no primeiro semestre de 2003, sugestão acatada com irrefreável entusiasmo pelos presentes.

Nada mais havendo a deliberar, os participantes exibiram fôlego suficiente para a confraternização final, dançando animadamente até as primeiras horas do sábado, dia 23, no grande forró de despedida.